Resenha: HAYWOOD, John. **Os Celtas**: da Idade do Bronze aos nossos dias. Coimbra, Portugal: Edições 70, 2022.

OS CELTAS ESTÃO ENTRE NÓS?

Tatiane de Jesus Chates[1]

Considerado uma autoridade nos estudos sobre vikings e celtas, John Haywood é um renomado historiador britânico. Em seu livro *Os Celtas: da Idade do Bronze aos nossos dias*, o eminente historiador nos transporta para a cultura histórica deixada pelos grupos sociais celtas. Desde as suas origens, passando pelas grandes migrações e a consolidação do Mundo de La Tène, a cultura céltica plasmou-se em várias Civilizações ao longo da história. A partir dos conflitos iniciais, vivenciados durante a República Romana e também por meio dos embates que precipitaram a Conquista da Gália por Júlio César, os limites físicos e culturais do Império Romano foram constantemente desafiados. Tais limites foram postos em xeque especialmente na Grã-Bretanha, cuja conquista romana nunca fora completada. Ao situar a presença céltica entre os Romanos, podemos tratar historicamente da formação do País de Gales, da formação da Escócia ou Alba e da formação da Irlanda, em contínuo embate contra seus invasores. São 16 (dezesseis) capítulos que percorrem uma ampla gama de aspectos, importantes para o entendimento da sobrevivência da cultura dos Celtas até os dias atuais.

Logo em seu início, o autor nos brinda com 5 (cinco) mapas de imensa riqueza: os Celtas e suas migrações, no contexto do continente europeu; os gauleses do final da Idade do Ferro; os povos da Grã-Bretanha para este mesmo período – final da Idade do Ferro; os Reinos da Grã-Bretanha e Irlanda; o declínio das Línguas Celtas. O autor destacou persistentemente as sobrevivências da cultura e dos povos celtas ao longo da história, ao cotejar por exemplo com os Etruscos, Ilírios, Trácios, Dácios, Lígures, Citas, Germanos, Gregos, Romanos e Iberos. O fator decisivo para tais sobrevivências foi a descentralização política celta de seus mais variados clãs. Mesmo com as vitórias em batalhas, a debilidade dos sistemas coloniais não favorecia a subjugação cultural dos Celtas. Havia, portanto, uma superioridade cultural dos Celtas?

[1] Doutora em História (U.Porto), Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), e-mail: tchates@uneb.br.

Diamantina Presença
Revista Digital

O autor recorda que o próprio nome Celta caiu momentaneamente em desuso, com o seu reaparecimento tendo sido registrado apenas no século XVIII. Originariamente cunhado para designar as populações celtas residentes na colônia grega de Massília/ Marselha, passou posteriormente a marcar os povos bárbaros encontrados a norte dos Alpes. Também denominados por Gálatas, para descrever os Celtas da Ásia Central, assim como a Gália também ficou associada ao território por eles habitados. Gregos e Romanos se esmeraram para explicar as origens dos povos celtas, segundo as suas mitologias. Os gauleses seriam descendentes do deus do submundo, ou Pluto. Inicialmente, os Celtas se desenvolveram sob os auspícios da cultura de Hallstatt e da cultura de La Tène. Durante a Idade do Bronze, duas foram as formas de aparecimento da cultura celta, através dos Celtas de Hallstatt e através dos Celtas de La Tène. Posteriormente, destacam-se os debates acerca das migrações celtas, seja nos períodos pré-históricos seja nos períodos históricos. Não havia nestas migrações celtas, todavia, nenhum desígnio imperial. Os clãs e/ou tribos independentes moviam-se frequentemente a partir da Europa Central através dos Alpes e através do Danúbio. Os períodos históricos das migrações celtas são melhor documentados. Assim aconteceu com os Helvécios, espremidos entre os Alpes e o rio Reno. Considerado um dos três mais importantes povos da Gália, os Celtas ajudaram também os Gregos a fundar a colônia de Massília/ Marselha. O lepôncio, como uma extinta língua celta, auxilia na documentação de tais feitos em inscrições antigas. Escaramuças entre Gauleses e Etruscos não eram incomuns, e consolidaram a região da Gália Cisalpina. A celtização da cultura etrusca, encontrada nas proximidades de Bolonha – como centro aglutinador dos Bóios –, demonstram a incorporação de fortes, aldeias e cidades etruscas pelos Celtas. As sucessivas derrotas etruscas para os Celtas facilitaram consequentemente o avanço da expansão romana por toda a Península Itálica. Os Celtas, em seus caminhos, encontraram também Alexandre, o Grande, alguns meses antes de sua precoce morte. Também conhecidos por Gálatas, consoante a língua grega, os Celtas enfrentaram por sua vez os Gregos em batalhas. Tal como os Persas caíram para os Espartanos em Termópilas por volta de 480 a. C., poucos Celtas sobreviveram a estas batalhas. Serviram ainda como mercenários no Antigo Egito. Como colônia celta bem-sucedida, a Galácia ocupou a parte central da Anatólia por mais de duzentos e cinquenta anos.

O conhecimento acerca dos Celtas advém principalmente de escritores clássicos, Gregos e/ou Romanos. Frequentemente associados a bárbaros inferiores, eram na realidade muito parecidos com os seus contemporâneos da bacia mediterrânica ou com os povos germanos. A formação

Diamantina Presença
Revista Digital

social predominante entre os Celtas eram os clãs, menos hierárquica que as formações sociais até então conhecidas. Os clãs sobreviveram por muito tempo, tanto na Irlanda quanto nas Terras Altas da Escócia, até bem depois do período medieval. Havia os chefes, descendentes diretos do fundador da comunidade, e uma aristocracia guerreira. Artífices especializados, bardos, druidas e os camponeses completavam a formação social existente. Comercializavam escravos em poucas proporções, se comparados com as sociedades da bacia mediterrânica. As mulheres gozavam de melhor estatuto, pois podiam se tornar governantes. Habitavam cidades fortificadas, que foram gradualmente sendo substituídas por *oppida*. A cultura celta era transmitida oralmente, em razão da maioria da população ainda não ser plenamente alfabetizada. A retórica celta era admirada por Gregos e Romanos. Os locais que possuíam plantações de cereais, oliveiras e vinhas foram mais facilmente assimilados ao modo de vida dos Romanos, diferentemente de outros locais onde predominava a criação de gado, para a extração de lã e leite. Exímios construtores de barcos, os Celtas legaram ainda aos Romanos a produção de elmos, para posterior utilização de seus legionários. Utilizavam ainda o colmo, para os seus telhados. O fenótipo celta é frequentemente associado a indivíduos muito altos e de pele clara, louros ou ruivos. Lavavam os cabelos com uma mistura de água e limão, consideravam pouco atrativa uma barriga avantajada. Como joia, utilizavam o torque e parece não serem admiradores de tatuagens ou pinturas corporais. Quanto à religião, eram politeístas, praticavam a magia e a adivinhação. Cultuavam as cabeças cortadas e praticavam sacrifícios. Admiravam o mundo natural e não identificavam facilmente suas delimitações com o mundo sobrenatural. A prática funerária de enterros em mamoas foi sendo gradualmente substituída por sepulturas planas. Sacrifícios podiam ser enterrados no chão ou abaixo das águas. As mortes podiam também ser exageradas, como o caso de mortes triplas infringidas a alguns Celtas. As entranhas destes mortos poderiam ainda ser aproveitadas para rituais de adivinhação, tal como faziam os lusitanos. Cabeças de vítimas importantes podiam se tornar relíquias e passar de geração para geração. Druidas não eram apenas sacerdotes e possuíam responsabilidades educacionais e legais. Passavam por um período de aprendizado, que podia durar até vinte anos. Os templos fechados de sua religião foram sistematicamente substituindo os bosques de carvalho sagrados. Para o autor, o que teria facilitado a posterior conquista romana dos Celtas foi o elevado desenvolvimento cultural de suas sociedades, e não o contrário – como usualmente se acredita. Em suas próprias palavras,

> O seu sistema individual militar, as estruturas políticas centralizadas, as hierarquias sociais bem estabelecidas e a prosperidade, tornaram a conquista e a assimilação dos

Diamantina Presença
Revista Digital

> Celtas não só atractiva, mas também uma proposta prática para os Romanos (HAYWOOD, 2022, p. 57).

Não eram, portanto, rudimentarmente primitivos, mas substancialmente civilizados. Assim se encerravam as vivências celtas do período histórico associado ao mundo de La Tène. Estavam dadas as condições para a conquista romana. Roma, em sua história triunfal, teve todavia um início modesto. Era apenas uma das muitas cidades-Estado da Península Itálica. A memória do saque de Roma em 390 a. C. pelos gauleses cisalpinos fixou este marcante momento de sua história. Não existia uma concepção de *independência celta* frente ao imperialismo romano. Não havia entre as mais diversas tribos celtas uma identidade comum. A conquista romana dos povos celtas durou quatrocentos anos, em alguns lugares ela nunca se completou. A conquista romana dos celtiberos durou os últimos duzentos anos antes de Cristo. Ao utilizar técnicas como falanges ou organizados em infantaria ligeira e cavalaria, as tropas romanas foram se tornando a maior potência do Mediterrâneo, especialmente após as vitórias conquistadas nas Guerras Púnicas. Entre os cartagineses, marchavam muitos celtas que foram vistos como libertadores por populações como os Bóios e os Ínsubres. Muitos povos celtas também participaram da Revolta de Espártaco, ou com sua capitulação acabavam por se tornarem gladiadores.

Nesta Resenha, opto por destacar apenas um dos aspectos – dentre muitos – que poderiam ser desenvolvidos na temática em questão, os povos celtas e a sua história. Ao focar no legado e nas sobrevivências culturais – a partir do próprio título desta Resenha –, os fatos mais distantes temporalmente costumam reverberar uma amplitude maior de ecos sociais. Assim, a presença celta na Europa em seus períodos pré-históricos e históricos perfaz um interessante jogo de luz e sombra com a posterior conquista romana. Tal fato sobreviveu aos tempos, e auxilia no entendimento das sobrevivências culturais celtas até a atualidade.